



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Soltar o lastro:

a categoria estar de Rodolfo Kusch e a dimensão ética da atenção
Genivaldo de Souza Santos

Como citar: SANTOS, G. de S. Soltar o lastro: a categoria estar de Rodolfo Kusch e a dimensão ética da atenção. *In:* CARVALHO, A. B. de; BROCANELLI, C. R.; SANTOS, G. de S. (org.). **Pensamento Latino-Americano e Educação:** por uma ética situada. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 53-66.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-25-5.p53-66>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

SOLTAR O LASTRO: A CATEGORIA *ESTAR* DE RODOLFO KUSCH E A DIMENSÃO ÉTICA DA *ATENÇÃO*

Genivaldo de Souza Santos

IFSP - Campus - Birigui¹

Por muito tempo a Filosofia teve de si uma imagem associada à universalidade do pensamento, isto é, apresentava-se como saber universal, válido para todos/as, em todos os tempos e espaços humanos; entretanto, o encontro com culturas outras, que não se enquadravam nos esquemas conceituais estabelecidos secularmente, foi o começo para que universalidade pretendida pela Filosofia começasse a ser revista.

Desde sua origem, a Filosofia ocidental identificou no *Ser* o elemento universal por excelência, passível de ser pensado e conhecido, ato seguinte em sua trajetória, de ser manipulado e transformado, tendo em vista o caráter operativo, ativo e empreendedor do Ocidente em sua relação com mundo. Entretanto, para o filósofo e antropólogo argentino Rodolfo

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Kusch (1922-1979), as culturas pré-colombianas, das quais se origina o nativo americano, tem seu enraizamento de pensamento na categoria *Estar*, que diferente do Ocidente operativo e empreendedor estabelece um “mero estar aqui”, um “deixar-se estar” ou como diz Kusch (1976) uma “estar sem mais” como categoria central na constituição de um pensamento e de uma cultura propriamente americanas.

Se levarmos em consideração a pretendida universalidade do pensar filosófico ocidental, estruturado na lógica do Ser ou Ontologia, então tal esquema de pensamento encontra-se imbricado no processo colonizador imposto pelo continente europeu aos nativos americanos, que designados de bárbaros foram (e ainda são) caracterizados pela falta um pensamento próprio, pelo atraso e pela ignorância, carentes, portanto, de civilização.

Deste não reconhecimento de um pensamento original ocorre o (des)encontro entre o colonizador europeu e o nativo americano, surgindo assim uma América cindida entre o fazer técnico rumo ao “progresso” e o *mero estar, sem mais*; entre uma América cidadã e uma *América profunda*, nem totalmente europeia, nem totalmente indígena: mestiça.

Dado o domínio da Lógica do Ser presente nos processos e resultados civilizatórios/coloniais, aparentemente perdeu-se na história do continente americano aqueles elementos que estruturam a lógica do *Estar*, revelando assim a vitória definitiva do progresso e do caráter ativo do continente europeu, porém na interpretação de Kusch (2000) o esquema do cidadão empreendedor (Lógica do Ser) estaria mais para uma presa a ser *fagocitada* pela cultura do *Estar*, assimilada pela América profunda “[...] latente, pasiva y vegetalmente desde el interior del país (en oposición a la capital), desde lo autóctono, desde el indio, desde la tierra, desde el paisaje, desde el fondo irracional del continente.” (MATUSCHKA, 1985, p. 142).

O texto em tela é fruto das reflexões e pesquisas realizadas no GEPEES – Grupo de Pesquisa Ética, Educação e Sociedade, desenvolvidas na UNESP (Campi Assis e Marília). Por meio de análise bibliográfica, pretendemos aproximar conceitualmente a categoria *Estar*, conforme problematizada pelo filósofo/antropólogo argentino Rodolfo Kusch, com a dimensão ética da Atenção, de acordo com Josep Maria Esquirol (2008) e Jan Masschelein (2008). Com isso, pretendemos alimentar um debate que visa reconhecer e problematizar os limites do pensamento

ocidental, bem como destacar e valorizar aqueles elementos singulares que constituem o pensamento americano (nativo), na tentativa de alargar a (auto) compreensão do fenômeno humano e de promover um diálogo intercultural no âmbito filosófico. Para tanto, delinearemos a *dimensão ética da atenção* e o *Estar* enquanto categoria filosófica necessária na constituição do pensamento/filosofia nativa, americano. Em seguida realizaremos uma primeira aproximação entre os dois conceitos, atentos aos seus limites, possibilidade e fecundidade.

ÉTICA DO OLHAR ATENTO

Motivado pela complexidade do fenômeno humano e das relações que o constitui, em 2009 iniciamos uma investigação em torno da constituição da relação professor-aluno desde uma perspectiva ético-existencial, assumindo como foco o elemento da *atenção*, cujo resultado foi a tese de doutoramento *A importância da atenção na constituição da relação professor-aluno no contexto tecnocientífico*, defendida em 2012. Durante a pesquisa, nos deparamos com um quadro teórico conceitual que acentuava o caráter cognitivo e epistemológico da atenção, reduzindo o fenômeno aos seus substratos neurofisiológicos/cerebrais, que no contexto da educação é restringida como um tema típico da Psicologia da Educação.

Ainda que as referências teóricas utilizadas em nossa pesquisa não negassem uma dimensão cognitivo-epistemológica da *atenção*, procuramos enfatizar suas potencialidades éticas e existenciais. Embora constitua um tema não privilegiado nas pesquisas em/sobre Educação e Filosofia, encontramos diferentes abordagens que apontam para ricas possibilidades no campo educativo.

Para o filósofo catalão Josep Maria Esquirol (2008), haveria dois modos diametralmente opostos de “ver o mundo”: um baseado no *olhar tecnocientífico* e outro sustentado pelo *olhar atento*, condição para a constituição de um *olhar ético*. A questão, bastante explorada por Esquirol (2008), seria o avanço desmedido da visão tecnocientífica de mundo, seu predomínio e sua hegemonia, num movimento que tenta invadir a existência, reduzindo, assim, as possibilidades éticas e estéticas

do homem². Ele sugere que uma das maneiras de nos situarmos nestas condições está no exercício do *olhar atento*, um contraponto à visão de mundo predominante.³

De acordo com o autor, o *olhar atento* tem como núcleo íntimo o fenômeno da *atenção*, associado às ideias de estar “acordado”, “desperto”, “lúcido”, contrário aos estados de desatenção, mais próximos ao delírio, à suposição e à sonolência. O autor também descreve a atenção como um *movimento*, uma atividade (prestar ou colocar atenção; focalizar; selecionar) e como um *estado* (estar atento, estar vigilante), contrastando com outros estados: distraído, ensimesmado, sonolento, entre outros. Desse modo, a *atenção* teria o potencial de apurar os sentidos e de ampliar a vulnerabilidade do sujeito aos objetos/situações que a requerem, dinamizando em uma atitude que solicita um esforço e uma pausa para sair do fluxo que mostra um mundo “liso”, uniforme e homogêneo.

Três características são bastante ilustrativas para descrever o que é digno de atenção no contexto do predomínio da visão tecnocientífica do mundo: a *fragilidade*, a *cosmicidade*⁴ e o *segredo*. Embora recuse um acento antropocêntrico, o *olhar atento* encontra nas situações humanas seu enfoque privilegiado, o que nos permitiu, no decorrer da pesquisa doutoral, refletir sobre o *olhar atento* associado ao tema da *alteridade* orientado pelo pensamento de Emanuel Levinas (1980).

Neste último sentido, trata-se de uma *atenção* associada ao tema do *Respeito*⁵, conforme suas raízes etimológicas, assim o vocábulo *respeito* indicaria o estabelecimento de uma distância apropriada entre o sujeito

² Visão compartilhada pelo filósofo italiano Umberto Galimberti (2006) e exposta em sua obra *Psique e Techné: o homem na idade da técnica*.

³ Face aos dilemas da contemporaneidade, em nenhum momento Esquirol (2008) cogita a possibilidade de um retrocesso a um mundo prétécnocientífico, mas aposta num equilíbrio entre o olhar tecnocientífico e o olhar ético, na medida em que soubermos orientar nossas decisões éticas por um olhar atento que reconhece o humano - e também o não humano – sob o signo da fragilidade, da cosmicidade e do mistério, características que reclamam nossa *atenção*, embora não se esgote nelas.

⁴ Neologismo que indica a produção ou a autoprodução de ordem (Cosmos) contrastando com o fenômeno do caos, caracterizado pela ausência absoluta de qualquer tipo de referência. Na natureza, a cosmicidade é revelada em ninhos de pássaros, teias de aranha, formigueiros, na ordem celeste, nos ritmos naturais, entre outros; na cultura, verificamos a cosmicidade nas instituições e seus graus de complexidade, exemplificada na organização escolar, do trânsito, na arte, na música, etc.

⁵ De origem latina, a palavra *respectus* desmembra-se nos vocábulos *res* indicando a ideia de *voltar*, *retornar* e *specto* que indica a ideia de *olhar*, dando-nos o sentido de *voltar a olhar*, *olhar de novo*. Apenas *olhamos de novo*, *consideramos* algo /situação quando ela demanda ou chama nossa atenção.

e seu objeto/situação. Em demasia, a distância provocaria o fenômeno da *indiferença*, de modo que o objeto/situação seria incapaz de afetar o sujeito, traduzindo-se em atitudes que revelariam uma desconsideração dos elementos ou seres que constituem uma dada situação.

Em uma relação diametralmente oposta, a excessiva proximidade, por não possibilitar uma perspectiva apropriada, provocaria o fenômeno da violência, pois de tão próximos o sujeito seria incapaz de ver os objetos/situações de sua responsabilidade ética. Traduzindo-se em atitudes em que uma dada subjetividade é tão marcante que violenta, reduz e/ou até anula as possibilidades da existência do Outro.

Decorrente desse modo de pensar, o *olhar atento*, em última análise, se conformaria com *um olhar humilde*, ou seja, um olhar terreno, na medida em que o sentido da humildade está associado à ideia do *humus*, isto é, da terra. Este seria o lugar privilegiado do *olhar atento*, que vê a partir da terra, do chão, do solo. Desse lugar, os objetos e situações poderiam ser vistos na sua adequada proporção.

Nas referências teóricas que sustentam a perspectiva do *olhar atento* em Esquirol (2008) estão presentes Sócrates, as escolas filosóficas helenísticas, a fenomenologia e os discursos ecológicos contemporâneos, manifestando um certo ecletismo teórico que concede ao tema o lugar de destaque.

E-DUCAR O OLHAR

Diferentemente de Esquirol (2008), Jan Masschelein (2008), a partir do pensamento de Michel Foucault e de Walter Benjamin, em seu artigo *E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre*, propõe uma *prática de pesquisa e-ducacional⁶ crítica*, que possa nos inscrever corporalmente num movimento que visa *examinar*, no sentido de *prestar atenção* e que implica em uma *atitude*. Para ele, tal maneira de pesquisa necessária, extrapolando a terminologia do autor, não de uma “pedagogia rica” de metodologias e teorias, mas de uma *pedagogia pobre* de certezas, de domínios, de controle, de metodologia e meios.

⁶ Indica o sentido de “trazer para fora”, de “olhar para fora” em contraste com uma concepção de educação (sem hífen), compreendida como “ensino”, “transmissão”.

Partindo de uma concepção de *e-ducação* (hifenizada), cujo significado nos indica a ideia de *trazer para fora, olhar para fora*, em contraste com a educação (sem hífen), compreendida como ensino, transmissão, Masschelein (2008) advoga uma *pedagogia pobre* como possibilidade de uma educação do olhar, para que ele se torne atento.

Para ele, a *e-ducação* do olhar não implicaria, como poderíamos supor, em uma forma de ajudar os alunos a alcançar uma visão melhor, mais crítica, liberada e emancipada; nem para se tornarem mais conscientes daquilo que realmente ocorre no mundo, para que eles se deem conta de como seu olhar está preso a uma perspectiva e posição específicas, ou para que levem em conta outros olhares (cada ponto de vista é a vista de um ponto), também relativos, da realidade. Em suma, trata-se de uma *e-ducação* que visa à *libertação de nossa visão de qualquer perspectiva*, com objetivo de torná-lo *atento*.

Assumindo o sentido *e-ducativo* como foco, o autor problematiza a atitude de prestar atenção por meio de uma comparação com a consciência, nos revelando que apesar do prestar atenção também poder ser qualificado como um estado mental, há uma diferença marcante entre eles, na medida em que, no prestar atenção, sujeito e objeto permaneçam abertos a transformações, isto é, estão em jogo. Masschelein (2008) descreve o prestar atenção como um estado da mente que se abre para o mundo para que este possa se apresentar e para que possamos chegar a ver.

Assim, a atitude de prestar atenção possibilitaria a abertura de um *espaço de liberdade prática*. Esquemáticamente, podemos dizer que *e-educar* o olhar requer primeiramente uma *prática de pesquisa crítica*, que realize uma mudança prática em nós e no presente em que vivemos (e não uma fuga para um pretensão futuro melhor). Essa prática não depende de método, mas sim de disciplina. Não requer uma metodologia rica, mas exige uma pedagogia pobre. Ou seja, práticas que permitam a *ex-posição (de) nossa condição de sujeito*⁷, no sentido de estar “fora de posição”, que nos leve à rua e que nos desloque corporalmente.

Tanto para Masschelein (2008) quanto para Esquirol (2008), a *atenção* constitui um exercício compreendido numa chave ético-existencial

⁷ Em referência à feminista Judith Butler, Masschelein (2008) nos diz que *prestar atenção* é “*uma prática de pôr em risco sua própria formação de sujeito*” através de uma relação diferente com o presente – é também por isso que Foucault considera a crítica “uma questão de atitude” (p. 39, grifo nosso).

e também epistemológica, que requer e ao mesmo aponta para uma atitude. Configurando um tema esquecido e não valorizado pela filosofia e por sua história, dado o predomínio da tônica representacional a partir de Platão e acentuado na filosofia cartesiana, da qual emerge um modelo de mundo em que o sujeito, cindido completamente do seu objeto e qualificado como superior a ele, passa a representá-lo e ordená-lo, constituindo um domínio em que o conhecimento *claro e distinto* pode se desenvolver. Essa lógica fundamentará o desenvolvimento científico posterior, progressivamente cada vez mais independente dos elementos sensíveis da experiência humana.

SENSIBILIDADE, SUJEITO EXPERIENCIAL E ESVAZIAMENTO: CONDIÇÕES DA ATENÇÃO

Embora abordem a temática de maneira variada, um primeiro ponto importante a ser destacado para o qual convergem tais abordagens é a valorização dos elementos da *sensibilidade*, dentro da qual se inclui a *corporalidade*, as *emoções* e a *materialidade do mundo* na produção de sentido e de presença.

Além da valorização dos elementos rejeitados pela tradição platônica, sintetizados na noção de sensibilidade, outro ponto que merece um maior aprofundamento é a relação da *atenção* com a manutenção de um eu ou de um ego, compreendido na chave do *sujeito* moderno: racional, soberano, livre, independente da materialidade, bem como superior porque dotado de razão.⁸

Sobre este ponto, para Esquirol (2008), a *atenção* revela-se como uma espécie de *desapego em relação a si mesmo*, uma *suspensão do pensamento* para deixá-lo mais disponível e penetrável, “[...] soltar o lastro (pelo menos momentaneamente) de tudo o que nos acompanha e, desse modo, descentrarmo-nos, sairmos de nosso lugar” (ESQUIROL, 2008, p. 63). Constituindo uma atitude que nos abre para que o “mundo” faça algo conosco e não que façamos algo – de útil/lucrativo/funcional – com ele, o

⁸ O sociólogo jamaicano Stuart Hall aponta que o processo de nascimento, destaque e isolamento do sujeito, ou em outras palavras da(s) filosofia(s) do sujeito, ocorre justamente entre o Humanismo renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, sendo sua formulação primária dada no século XVII por René Descartes, sofrendo posteriormente uma sofisticação e refinamento através dos sistemas filosóficos que se seguiram, destaque para a filosofia do sujeito de Kant que, *grosso modo*, ao afirmar a estrutura formal do sujeito reelabora uma filosofia do sujeito em novas bases. (HALL, 2006, p. 25)

que exige um certo *esvaziamento* de si (do eu/ego) e a plena aceitação do momento presente.

Em uma referência ao ensaio de C. Lewis *La experiência de leer*, que problematiza a experiência estético-artística, Esquirol (2008) procura mostrar como a maioria de nós, frequentemente, faz uma espécie de “uso” do “objeto” percebido, o que nos leva a uma percepção distorcida, não plenamente atenta. Paradoxalmente, é justamente quando “usamos” os quadros quando não lhes “prestamos” a devida atenção, o que vale para a atitude atenta em geral⁹.

Para Jan Masschelein (2008) a relação da *atenção* com o sujeito implicaria também sua *suspensão* na medida em que a *atenção* deslocaria o sujeito em relação ao objeto, a ponto de colocar em risco sua própria constituição (de sujeito do conhecimento). A *atenção*, no sentido atribuído por Masschelein (2008), se dinamizaria de um modo em que tanto sujeito e objeto se põem em movimento, de tal modo que a *atenção* seria requerida como um meio que não teria necessariamente uma finalidade além de si mesma, como a de julgar, representar, dominar, controlar entre outras, atividades que dizem respeito às intencionalidades que constituem os sujeitos.

Para o autor belga, estar atento não é ser cativo de nenhuma intenção, ou projeto, ou visão, ou perspectiva, ou imaginação, que sempre nos dão um objeto e capturam o presente numa representação, mas **requer a suspensão do julgamento e implica um tipo de espera**. Significando que a vontade de se submeter a um regime de verdade é neutralizada e a energia com a qual o sujeito (do conhecimento) se projeta nos objetos se exaure. Trata-se de um tipo particular de atenção que coloca o sujeito em jogo e que abdica da expectativa de um benefício e, nesse sentido, ela é generosa (MASSCHELEIN, 2008, p. 42).

Nas palavras de Masschelein (2008), a *atenção* teria a finalidade de *cortar* a realidade para que possamos ver o ponto cego contido naquilo

⁹ O trecho que Esquirol (2008) utiliza para nos dar uma ideia do modo a se portar atentamente face ao mundo vem de uma obra de Lewis que diz textualmente: “Não devemos soltar nossa própria subjetividade sobre os quadros, fazendo destes seus veículos. Devemos começar deixando de lado, dentro do possível, nossos preconceitos, nossos interesses e nossas associações mentais. Devemos criar terreno para o *Marte e Vênus*, de Boticelli, para a *Crucificação*, de Cimabue, despojando-nos de nossas próprias imagens. Depois desse esforço negativo, o positivo: devemos usar nossos olhos. Devemos olhar e continuar olhando até que tenhamos visto exatamente o que temos diante de nós. Colocamos-nos diante de um quadro para que ele faça algo conosco, não para fazermos algo com ele. O que toda obra de arte exige é, antes de tudo, uma entrega. Olhar. Escutar. Receber. Afastar a si mesmo do caminho.” (LEWIS *apud* ESQUIROL, 2008, p. 64).

que é evidente. Nesse sentido, *prestar atenção* indicaria uma atitude de estar presente ao presente, de tal forma que ele seja capaz de se apresentar para que possamos ser transformados, *atravessados* ou contaminados por ele, tornando a experiência possível. Estar atento contrapõe-se ao estado de estar ausente, pois, estar ausente significa que não estamos ali/aqui, que somos prisioneiros de um horizonte de expectativas, projeções, perspectivas, visões, imagens, sonhos, que são nossos, ou seja, nossa intencionalidade que nos constitui como sujeito em relação a um objeto/objetivo (MASSCHELEIN, 2008, p. 42).

Assim sendo, tanto para Esquirol (2008) quanto para Masschelein (2008), *atenção* resultaria de um exercício de *suspensão* do pensamento ou dos julgamentos e que esta suspensão implica colocar em risco a constituição do próprio sujeito. Tal perspectiva, aberta especialmente por Masschelein (2008), constitui-se problemática na medida em que nos apresenta a tarefa de pensar nas fronteiras do regime de verdade de corte moderno/representacional¹⁰, em que a noção de formação está associada à constituição do sujeito uno, singular, portador de identidade, racional, autônomo e livre; artífice de um mundo e de uma realidade constituída de objetos passíveis de serem conhecidos e controlados pelo sujeito do conhecimento.¹¹

A relação entre *atenção* e *suspensão do julgamento* – que colocaria em risco a constituição do próprio sujeito do conhecimento – deve estar associada, segundo Masschelein (2008), à vontade de movimentar-se e

¹⁰ Em relação ao termo *moderno* queremos destacar o momento do *cogito* cartesiano, que comporta uma ruptura substancial entre a *res cogitans* e a *res extensa*, isto é, a ruptura entre a — coisa pensante (consciência) e a — *coisa extensa* (o corpo, com propriedades sensíveis, como espaço, largura, comprimentos, cor, entre outras) e inaugura uma concepção dualista e irreconciliável da realidade, separando substancialmente, a realidade espiritual da material, tendo em vista que a diferença existente entre as duas substâncias diz respeito à sua natureza. Esta separação metafísica repercutiu não apenas na epistemologia, instaurando a relação dual e essencial entre sujeito-objeto, entre o ser que pensa e o ser-pensado, porém se introduziu também em outras áreas, atingindo o cerne mesmo das instituições do ocidente cristão, representado pelas cisões tradicionais de Estado – Igreja, público – privado. De acordo com Leopoldo e Silva (2001), interpretando Descartes, a hegemonia do sujeito corresponde ao que se convencionou denominar de primado da *representação*, compreendido como todo e qualquer conteúdo presente na mente. De origem medieval, a palavra *representação*, de acordo com o Abbagnano (2003, p. 853) pode indicar imagem ou ideia, ou ambas as coisas. Seu uso foi sugerido pelos escolásticos com o conceito de conhecimento como “semelhança” do objeto. Posteriormente, Immanuel Kant estabelece uma noção geral, considerando-o gênero de todos os atos ou manifestações cognitivas, independentemente de sua natureza de quadro ou semelhança, sendo que desse modo passou a ser usado na filosofia.

¹¹ Danelon (2004, 2005) afirma que a educação, de modo geral, repousa sobre a premissa da existência de um sujeito a ser formado/formatado e as disciplinas que compõem as ciências da educação, seja a psicologia da educação, a sociologia da educação, as metodologias, entre outras, estão baseadas na idéia desse mesmo sujeito a ser educado: sujeito uno, singular, sede da razão, liberdade, vontade e consciência.

exaurir a energia da projeção e da apropriação (que repetidamente estabelece sua própria ordem ou casa), através de um esforço concreto, como forma de disciplinar o corpo e a mente, que não normalize a nossa posição, mas que, de certa forma, a enfraqueça. Ajudando-nos a assumir a posição do *vulnerável* (MASSCHELEIN, 2008).

Como nos mostrará Masschelein (2008), a experiência de *caminhar* na estrada é diferente da experiência de voar sobre ela, isto ocorre porque quem caminha por dentro da estrada deve ser obediente à evidência de sua manifestação nas clareiras, nas encostas, nos vales, mas quem voa, “vê apenas” (tem uma representação/perspectiva). Baseado em Walter Benjamin, particularmente no texto *Rua de mão única*, para o autor belga, Benjamin revela que a revolução está no próprio caminhar e que o caminhar não depende de nenhuma terra prometida (de nenhum *lá* melhor que o *Aqui* para onde ela levaria).

Revela também uma prática que envolve ver, abrir os olhos, ter um novo olhar, prestar atenção. Não significando, entretanto, uma determinada perspectiva ou visão, mas sim um deslocamento, uma mudança que permita que nós estejamos aqui (*lá*) e para que o *lá* (*aqui*) se apresente a nós em sua evidência, comportando, ao mesmo tempo uma completa ignorância sobre o *para onde* levará, em que não sabemos se existe ou não uma finalidade, um *telos* ou um objetivo neste caminho. Ainda assim, a estrada nos convoca a caminhar e neste registro ocorre a revolução. (No sentido de um giro completo, de uma mudança completa do ato de voar e caminhar).¹²

A partir destas duas referências (Esquirol e Masschelein), ancoradas na tradição ocidental de pensamento, muito embora críticos dela, aventamos uma possível relação da *atenção*, particularmente seu aspecto *não-intencional*, associado à noção de *experiência*, com a categoria do *Estar*, conforme desenvolvido pelo filósofo e antropólogo argentino Rodolf Kusch, em sua busca incansável pelo *próprio* do pensamento americano, compreendido em sua diferença radical com a filosofia do *Ser*, característica estrutural do pensamento ocidental. Esta diferença é eclipsada, dada o próprio operar do pensamento filosófico ocidental,

¹² Para ilustrar este esforço concreto, destacamos três autores que narram suas experiências em que o movimento (do corpo) exaurindo suas energias de projeção e de apropriação através de uma disciplina do corpo e da mente, colocaram-se no lugar do vulnerável: Henry David Thoreau (2012), Frédéric Gros (2014) e David Le Breton (2015).

orientado pelo domínio e pela negação das culturas autóctones da América nativa, durante e depois da colonização.

A CATEGORIA *ESTAR* EM RODOLFO KUSCH

Além da América visível, haveria um *américa profunda*, não visível, título de uma das principais obras de Kusch (2000), que concebe o *americano*, enraizado em seu próprio solo, com seu passado, independente e anterior ao processo de colonização, sustentado pela lógica do *Estar*. Deste encontro de culturas (Europa - nativos americanos/ Ser - Estar) surge a América como a conhecemos, dividida entre duas lógicas: do *Ser* e do *Estar*.¹³

A lógica do *Estar* é originária da América e encontra-se viva nos povos nativos, nos subúrbios das grandes cidades e no campesinato, tendo como cerne a valorização de um saber *não-proposicional*, compreendido por nós como *não-intencional*. Em contraposição à lógica do *Estar*, a lógica do *Ser* estruturou o pensamento ocidental e se plasmou na sua cultura e nas suas instituições, representado pelo homem empreendedor e cidadão, orientado pela técnica.

Estas duas lógicas distintas surgem a partir de uma reação diferente face ao medo original, sentimento ancestral de perder as poucas coisas que constituem a realidade concreta, no reconhecimento de nossa indigência humana face às forças e poderes (extra) naturais. Duas respostas são possíveis para o autor argentino: negá-la em nome do “desenvolvimento civilizatório”, reprimindo e transferindo tal negação para o inconsciente, como fez o Ocidente, ou assumi-lo e contar com ele, numa tensão sempre presente, manifestada na relação do nativo com a divindade¹⁴. A primeira responde ao desafio de “ser alguém”, a segunda do “mero estar”.

¹³ “Esta estructura ciudadana de “gringo industrial” fracasa en América dando por fruto la realidad escindida que hemos descriptor una América mestiza en la que el esquema ciudadano queda reñado de la cultura del “estar” que “fagocita” latente, pasiva y vegetalmente desde el interior del país (en posición a la capital), desde lo autóctono, desde el indio, desde la tierra, desde el paisaje, desde el fondo irracional del continente. El concepto de estar representa la pasividad vegetal, la modorra espiritual deL americano, la raíz geográfica de su vida, la receptividad feminoide de su cultura, que se atrincheró en el suburbio porteño, en la impavidez del indio, en la abulia de la peonada que tan estereotipadamente exagera al inmigrante ingenioso y emprendedor.” (MATUSCHKA, 1985, p. 142).

¹⁴ Trata-se de uma relação com a “ira divina” resolvida através da identificação com a paisagem e não por meio da ação, conferindo às culturas nativas um traço estático. A cultura Quéchuá, por exemplo, procurava abarcar todos os elementos de sua cultura “como si toda ella respondiera a un canon uniforme, que giraba em torno al

Nesta relação com o medo original, face à ira divina, Kusch (1976, p. 16-18), na sua obra *Geocultura del hombre americano*, afirma que o Ocidente elaborou um concepção de saber enciclopédico, sustentado na confiança em seu caráter quantitativo e cumulativo, que se estende ao nível da cultura; tentativa de superar este medo original, através da fórmula “ser alguém”, expressa por Kusch (1976).

Entretanto, se essa fórmula se adequa ao Ocidente europeu, na América ela encontra outro destino, ao chocar-se com outra lógica, do *Estar, não mais*. Escreve Kusch (1976, p. 19): “He aqui la fuente de todas las verdades y de todo caos: la vida cotidiana. Nace um hijo, muere um familiar, triunfamos em um examen, tenemos amargura o alegría, todo esto qué es. Pues, debe ser “estar no más”. Na mesma linha de pensamento, o filósofo portenho nos diz que não há explicação para este estar, mas ele é vivido profundamente em solo sul-americano; traduzido como uma espécie de *saber do não saber*, “[...] el de nuestro puro estar, del qual no sabemos em qué consiste, pero que vivimos sin más” (KUSCH, 1976, p. 19), que não está previsto na enciclopédia. Nesta tensão, entre *ser alguém* e *estar, não mais* nos instalamos como americanos.

Se o saber enciclopédico, vincado na lógica do Ser, surge como um remendo face ao medo original, a lógica do *Estar* mantém o vínculo com o medo, aliás, de acordo com Kusch (1976, p. 20) “la verdadera dimensión de estar no más debe ser entendido a nivel del miedo”, pois “[...] quando hemos cometido um aparente mal y la sociedade nos segrega, **llegamos a esse punto donde tenemos consciencia de lo “poco” que somos**. Ahí ya no tenemos remedio. Ahí, em esse último fondo realmente no sabemos qué hacer. **Esse es el ámbito del saber del no saber**. Y no hay psicología que valga, ni tampoco enciclopédia.” (KUSCH, 1976, p. 20, grifo nosso).

Analisando a relação natureza-cultura, conforme compreendida pela antropologia ocidental percebemos um reembaralhamento de tais noções, na medida em que a ideia de natureza não se opõe à ideia de cultura, como ocorre na antropologia moderna, mas a cultura é fundada na relação com a natureza, isto é, na identificação com a paisagem (natureza). Trata-se, em outras palavras, de duas diferentes concepções de mundo: a primeira pode ser traduzida pela constituição de um mundo sem objetos,

“estar” en el sentido de un “estar aquí”, aferrado a la parcela cultivada, a la comunidad y a las fuerzas hostiles de la naturaleza” (KUSCH, 1976).

com humanos apenas; a segunda pela concepção de um mundo de objetos (máquinas), porém sem homens, mas com cidadãos que deixam de ser homens para transformar-se em meras condutas sem o fundo biológico, se este último resolve o problema voltando-se para a cidade, o primeiro encontra refúgio no “eu”.

Diferente da confiança na técnica, fruto do pensar e da cultura ocidentais, o nativo indígena mantém uma relação com o medo através de combinações mágicas, conhecimentos empíricos, vontade da influência psíquica, conseguindo, com isso, uma maior coesão e persistência que a cultura das essências transcendentais do Ocidente, tendo em vista que a cultura indígena está comprometida com o *aquí e agora*.

A diferença entre o *Ser* e o *Estar* pode ser notada desde sua significação etimológica, em que, por um lado, *Ser* designa entre outras coisas essência, valor, domínio, natureza e posse; por outro, o verbo *Estar* aponta para o lugar, para uma situação, condição ou modo. Filosoficamente o *Ser* estaria relacionado à substância/essência e o *Estar* ao acidente ou qualidade, como relata Kusch (apud MATUSCHKA, 1985, p. 149):

¿Será que eso de «ser empleado», se hace a costa de la «vida» como apartándose de ella? [...] Realmente, se diría que eso de «estar» se vincula a una pura vida, esa que sentimos sin más y que nunca logramos definir [...]! O en otra formulación: «Para «ser» es preciso un andamio de cosas, empresas, conceptos, todo un **armado** perfectamente orgánico, porque, sino, ninguno “será” nadie. Estar en cambio se liga a [...] una falta de armado, apenas a una pura referencia al hecho de haber nacido, sin saber para qué, pero sintiendo una rara solidez en esto mismo, un misterio que tiene antiguas raíces.

Diferentemente da proteção conferida pelos armamentos do estudo e esforço, próprio da cultura do *Ser*, os que se deixam meramente estar abrem-se para a possibilidade do sacrifício, mantendo abertas as possibilidades do mistério e a relação com o medo e com a morte. Que mistério? Pergunta Matuschka (1985, p. 149): “El misterio del “mero estar”, del poder “estar” vivo o muerto, el misterio de “estar” esta puerta, la pared, el escritorio y todo ante uno. El misterio de rozar la pregunta de un Leibniz herético: “por qué el ‘**estar**’ y no más bien la nada?”.

CONCLUSÃO

Primeiramente reconhecemos os limites entre a categoria *Estar*, conforme traços advindos da obra de Rodolf Kusch (1976, 2000), com nossa investigação acerca da dimensão ética da *atenção*. Assinalamos, por um lado, que a categoria *Estar* para o filósofo argentino designaria um horizonte próprio do nativo americano, diferente estruturalmente da categoria *Ser*, cerne do pensar e da cultura ocidentais (europeus); por outro lado, o fenômeno atento e mais especificamente sua dimensão ética denotam desde já sua ancoragem no pensar filosófico ocidental voltado para a ação (ética) e uma de suas práticas¹⁵. Com isto, concluímos que sendo a prática da *Atenção* um exercício próprio da filosofia ocidental, de antemão poderíamos negar qualquer relação com a categoria *Estar*, descrita por Kusch, já que esta designa um modo próprio de conceber a realidade diferente das estruturas do *Ser*.

Entretanto, sabendo desviar-se desta aparente barreira, nos deparamos com uma grande proximidade, não tanto conceitual, mas vivencial, experiencial, tendo em mente que o *Estar não mais* implica, assim como a prática da atenção, uma relação temporal em que minha *presença* (aqui) responda a requisição do presente (agora), abandonando preocupações e ansiedades futuras ou passadas, enfim instalando-se num presente em que *o fora do pensamento*, isto é, os “objetos”/sujeitos/situações com os quais mantenho relação possam manter sua problematicidade própria, seu mistério próprio de simplesmente estar, sem mais. Mantendo-se irreduzíveis aos esquemas conceituais.

Outro aspecto, bastante interessante a ser notado, é a relação do *Estar* com o Olhar atento ou com o Olhar humilde; Esquirol (2008) conclui sua obra *Respeito ou Olhar atento - Uma ética para a era da ciência e da tecnologia* justamente com essa ideia. Ainda que de modo sumário, a descrição da *era tecnocientífica* feita por ele é caracterizada pelas ideias de i) poder; ii) de sistema; iii) de revelação e de, iv) linguagem, pois trata-se de uma era marcada pela instauração de um poder que cria outros poderes; pela ideia de sistema, que supera o mero enciclopedismo ao visar

¹⁵ De acordo com as escolas filosóficas do período helenístico, que valorizaram a atenção (*Prosoché*) como um exercício espiritual destinado a um trabalho sobre si mesmo em vista a uma (auto)transformação, vide Hadot (1999, 2003, 2009).

um conhecimento sistêmico, integrador; que é também revelação, na medida em que a tecnociência nos mostra um determinado mundo até então desconhecidos (microrealidades, nanorealidades são exemplos de um mundo que não vemos sensivelmente mas que a ciência nos revela como existentes). E, por fim, como uma linguagem que encontra na informática uma linguagem universal. Tais aspectos, sintetizados aqui moldam o *olhar tecnocientífico* que, segundo ele, determina nosso modo de ver o mundo atualmente, servindo de critérios para nossas ações/attitudes (éticas).

Ocorre que este modo de ver o mundo sustentado pela técnica e pela ciência não encontra um sentido fora de si para funcionar; de outro modo, podemos dizer que o sentido da tecnociência é funcionar, e continuar funcionando. Quando falamos em sentido, a técnica e a ciência não nos ajudam, pois o sentido do humano no humano é produzido em sua relação com a alteridade e esta relação mostra-se, em geral, não produtiva e ineficiente/ineficaz. Assim, segundo o filósofo catalão, podemos compreender o mundo humano, marcado pela indiferença e pela violência, ao buscar ocultar a finitude do humano e aqueles aspectos que o ligam à sua vulnerabilidade e fragilidade intrínseca.

A solução, para Esquirol (2008) está na mobilização de um olhar atento, não distraído, não conformado; que olha com atenção para admirar e que admira para prestar mais atenção; e que está completamente aberto à alteridade, seja esta que constitui o Outro propriamente humano, ou a que constitui a alteridade, como um segredo, presente em todas as coisas que nos rodeiam. Olhar atento que não tem a ver com o espetacular, mas que é aberto ao mistério do cotidiano que nos rodeia. Trata-se de um modo de olhar descentrado do “eu”, vazio, aberto às apresentações e não representações.

Em suma, *olhar humilde*, seja porque o sentido de humilde está relacionado ao *húmus*, isto é à terra, ao solo, seja porque, quem olha a partir do solo, da terra tem outra perspectiva, pois consegue encontrar em seu caminho situações e pessoas que carregam consigo os signos da fragilidade, da cosmicidade (ordem) e do segredo. Signos que estão fora das telas que constitui o espelho negro do mundo contemporâneo. Soltar o lastro tem esse sentido, soltar o fardo das representações que constituem o “eu” e seu mundo, que funcionam, muitas vezes, como proteção ou domínio em relação à realidade mesma.

Por fim, relembro Masschelein (2008), a suspensão do tribunal da Razão e a convocação do olhar e da sensibilidade como fios condutores que nos tornem capazes de ver o ponto cego contido na evidência, são preâmbulos para uma relação mais intuitiva e contemplativa da realidade, como ocorre no mero *Estar*, cuja estrutura dispensa a elaboração conceitual sofisticada, voltada, ao final, para a implementação tecnocientífica da sociedade, objetivo e cerne do pensar ocidental, cujo desenvolvimento nos transforma em presas e meios necessários ao seu funcionamento.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicolas. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DANELON, Márcio. *Educação e subjetividade: uma interpretação à luz de Sartre*. 2004. 276 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- DANELON, Márcio. A crítica sartreana à subjetividade e suas implicações no conceito de educação como formação do sujeito. *Impulso*, Piracicaba, v. 16, n. 41, p. 47-60, nov. 2005.
- ESQUIROL, J. M. *O respeito ou o olhar atento: uma ética para a era da ciência e da tecnologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GALIMBERTI, U. *Psiche e techne: o homem na idade da técnica*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.
- GROS, F. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- HADOT, P. *O que é filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999.
- HADOT, P. *Exercices Spirituels et philosophie antique*. Paris: Albin Michel, 2003.
- HADOT, P. *La filosofia como forma de vida: conversaciones con Jeannie Carlier Y Arnold Davidson*. Barcelona: Alpha Decay, 2009.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KUSCH, R. *Geocultura del hombre americano*. Buenos Aires: Fernando Garcia Cambeiro, 1976.
- KUSCH, R. América profunda. In: OBRAS COMPLETAS. Córdoba: Fundación Ross, 2000. t. 2.
- LE BRETON, D. *Elogio del caminar*. Madrid: Siruela, 2015. v. 58.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Descartes: a Metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

MASSCHELEIN, J. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 35-48, jan./jun. 2008.

MATUSCHKA, D. Von. Exposición y crítica del concepto de “estar” en Rodolfo G. Kusch. *CUYO*, Argentina, v. 2, p. 137-160, 1985.

THOREAU, H. D. *Andar a pé*. [S. l.]: Montecristo, 2012.